

Afirma-se que a questão do tempo pertence por direito à filosofia e à ciência. Partindo daí, a psicanalista Jô Gondar pergunta-se: haveria uma teoria freudiana sobre o tempo, ou, para nos interrogarmos sobre o tempo devemos sair da psicanálise e procurar as respostas em outros saberes?

Gondar vai apoiar sua pesquisa em três pilares: a) a concepção do psiquismo, b) a concepção de sujeito e c) a concepção do tempo.

Há, diz ela, duas concepções de psiquismo concomitantes em Freud: uma processual e outra estrutural. Esta última privilegia o inconsciente como um sistema de traços, ou seja, como lugar das inscrições. A outra dá ênfase à circulação dos investimentos numa direção determinada. Citando Freud: "não há necessidade da hipótese de que os sistemas psíquicos sejam realmente dispostos numa ordem espacial. Seria suficiente que fosse estabelecida uma ordem fixa pelo fato de, num determinado processo psíquico, a excitação passar através dos sistemas numa seqüência temporal".<sup>1</sup>

Partindo de Lacan, Gondar situa o sujeito freudiano em filiação com Descartes. O ato fundador de Descartes, momento inaugural da subjetividade moderna, é efeito de uma soldadura entre ser e pensamento, erigida como certeza imutável. Deduz-se, portanto, que para que o *cogito* possa ser enuncia-

## Tempo e temporalidade em Freud

*Resenha de Jô Gondar, Os tempos de Freud, Rio de Janeiro, Ed. Revinter, 1995, 139 p.*

do o que Descartes precisou excluir foi o tempo, inclusive o tempo mesmo de sua enunciação.

O sujeito freudiano, diz Lacan, retoma o *cogito* para invertê-lo e fraturá-lo: "Penso onde não sou porque sou onde não posso pensar" seria o modo de enunciar este novo sujeito, rachado por estrutura. Junto com esta fratura, o que ingressa é o tempo. Por que? Porque este sujeito não participa nem da sua origem nem de seu fim. Na origem: o mítico assassinato de um Pai que preexiste ao sujeito e o condiciona antes de seu nascimento, ou seja, a dívida simbólica. No fim, o real da morte que nos atinge no mais absoluto impessoal: morre-se, dado que o enunciado "eu morro" é impossível. Os efeitos desta origem, ou melhor, desta falta na origem que nos antecede simbolicamente, são os fantasmas, a história e os sintomas, isto é, diferentes modos de amarrar o simbólico, o imaginário e o real que o novo *cogito* coloca em disjunção.

Uma terceira fundamentação será procurada na etimologia do termo *tempo*. Aqui Gondar apela a Benveniste que recusa a origem grega dos verbos *teinó* (estender, prolongar) e *temnò* (cortar), da qual proviria a idéia de um tempo escoativo que pode sofrer marcações, cortes numéricos. Benveniste propõe como origem do termo tempo o termo latino *tempus*. O

novo sentido, que é revelado a partir desta origem, é o de mistura, de estados complexos, que se encontra presente nos derivados temperar, temperamento, intempérie, temperatura: "...o problema muito mais geral da mistura é, na língua latina desde a origem, o predecessor absoluto do termo tempo", diz o filósofo Michel Serres, citado pela autora (p. 24).

Ela levanta, então, a hipótese de que a falta de sistematização sobre a questão do tempo em Freud obedece a esta diversidade de noções de tempo, correspondendo a diferentes modos de funcionamento temporal que coexistem na vida psíquica. Portanto, a idéia de tempo presente em Freud seria esta de mistura; não como sinônimo de síntese, mas de elementos diversos coexistindo. Sua pesquisa consiste em destrinçar esta mistura, para ver o funcionamento e a presença destes diferentes tempos na metapsicologia freudiana.

No segundo capítulo, a autora se propõe a fazer uma "limpeza de campo", abordando os lugares que à primeira vista poderiam fornecer ferramentas para pensar uma teoria freudiana sobre o tempo, para descartá-los. Se há uma teoria freudiana sobre o tempo, conclui a autora, esta não se deduz nem da atemporalidade do inconsciente, nem do funcionamento do sistema Percepção/Consciência.

Do funcionamento intermitente do sistema Percepção/Consciência surge, segundo Freud, o *conceito* ou *idéia abstrata* de tempo, isto é, aquilo que nos permite pensar o que seria a passagem do tempo. É aqui que Freud se opõe, em certo modo, a Kant. Para este último, a intuição do tempo é apriorística e permite que a experiência seja pensável. Para Freud, entretanto, o conceito de tempo é resultado da "experiência" do funcionamento intermitente do Sistema Percepção/Consciência. O conceito de tempo é derivado da experiência e não apriorístico. Gondar descarta esta via, porque não é a gênese do conceito de tempo o que está procurando, mas a peculiar temporalidade dos processos psíquicos.

A atemporalidade do inconsciente ainda é a negação de uma afirmação que permanece implícita. Dela deduz-se que os processos psíquicos poderiam ter uma temporalidade própria que nada tem a ver com um tempo linear-escoativo, mas não se explicita ainda qual seja este modo temporal.

No terceiro capítulo, "Inconsciente e tempo", a autora dá a primeira versão de uma teoria positivada do tempo em Freud. Ela seria a explicitação da tese implícita na atemporalidade e apareceria com os nomes de posteriormente (*Nachträglich*) e posterioridade (*Nachträglichkeit*), que Freud usa para explicar sua teoria do trauma em dois tempos e que a autora articula ao par recalque/retorno do recalque. "O raciocínio freudiano privilegia, para o trauma e para o recalque, o mesmo funcionamento retrospectivo: o trauma só surge como tal ao ser evocado por uma segunda representação, assim como o recalque só se revela no retorno do recalque" (p. 55).

Dois deduções são extraídas a partir do conceito de *Nachträglich*. Em primeiro lugar, a contraposição do tempo cronológico e do tempo lógico, tempo da linguagem ou tempo da retroação do significante que indicaria uma linha temporal presente - passado. O acontecimento A só ganha sentido e eficácia a partir do acontecimento B, posterior. Em verdade, "não há ordem cronológica entre as idéias, mas uma articulação lógica que mantém a relação de causa e efeito, mesmo que a causa esteja presente só depois - depois do ponto de vista cronológico, mas antes do ponto de vista lógico" (p. 53). Em segundo lugar, a inexistência do inconsciente como algo que tenha presença no tempo: só podemos falar dele a partir de suas manifestações que são constituídas por uma operação temporal singular. Estamos aqui frente a um tempo de efetuação.

A autora retorna à pergunta inicial que agora está encarnada: podemos pensar que o *Nachträglich* contém uma teoria freudiana sobre o tempo? Nova "limpeza de campo". O *après-coup* não constrói uma noção abstrata de tempo. Não se inscreve então na linha do que Newton propôs como tempo absoluto/tempo relativo reversível e espacializado que serviria de base à dinâmica clássica.

Se o *après-coup* fala de um tempo, é de um tempo intrínseco ao sujeito e às operações que concernem sua produção. Sujeito e tempo, neste sentido, são inseparáveis. Assim, conclui a autora, "devemos admitir que o tempo em que se dão os processos inconscientes é real e próprio ao seu modo de funcionamento, e não uma abstração construída a partir desse funcionamento. Ele não preexiste nem existe ulteriormente às operações da produção subjetiva" (p. 66). Não se trata então de pensar que o *après-coup* inverte a flecha do tempo que iria do presente ao passado, mas sim de substituir as categorias temporais tradicionais pelas categorias de virtual/atuado, isto é, de pensar em termos de estrutura. A temporalidade do inconsciente é uma temporalidade interna ao seu modo de funcionamento e corresponde a um tempo de atualização. Não se trata de um tempo específico, mas de uma temporalização.

Mas como caracterizar esta temporalidade? Gondar produz então mais uma torção na sua reflexão. As atualizações do inconsciente são súbitas e descontínuas e a cada momento que se efetua são irreversíveis. Estamos, pois, frente a duas características que não parecem combinar: a irreversibilidade e a descontinuidade (p. 69). Como tornar compatíveis irreversibilidade e descontinuidade? E como não ver nas manifestações do inconsciente ambas características desta

peculiar temporalidade? Este problema leva a autora a ter que se aprofundar ainda mais na questão.

Assim, no capítulo 5 ela abordará o espinhoso tema do tempo das origens. Tema controverso do ponto de vista teórico, porque para dar conta dele Freud construiu uma mitologia própria - a metapsicologia - e enveredou por territórios alheios à psicanálise: os mitos, a pré-história, a biologia e a religião. Como dar conta das origens do sujeito, do aparelho psíquico, da cultura?

Sabemos que a pergunta pelas origens é própria do ser falante e que atravessa qualquer saber produzido por nossa cultura. A ciência, a filosofia, a mitologia e as religiões tentam responder, cada uma a seu modo, a mesma questão. A psicanálise não se isenta, mas tem outro argumento, aquele que provem da sua prática: cada analisante atravessa esta questão em sua análise e dá a ela uma resposta singular.

Cada analisante constrói seu próprio mito para dar conta de certos "fatos" da história, que o precederam desde antes de seu nascimento. Isto se faz necessário porque para o ser falante não há origem plena; na origem há um buraco que não pode ser pensado nos termos da presença, nem mesmo de uma presença mítica, pré-histórica ou biológica. O ser falante sempre chega atrasado, a história já tinha começado. Contudo, se a origem está perdida, ela se faz presente de um modo paradoxal: a repetição. A repetição insiste em fazer presente esta ausência que, de algum modo, necessita ser inscrita. A

análise consiste em "re"-inscrever algo que está como não inscrito, desde a origem, nos determinando e "não havendo um algo que se repita o que retorna é a diferença" (p. 121).

Novamente o *Nachträglich* comparece, na repetição de um *Ur* não realizado de uma vez e desde sempre, e por isso mesmo relançado constantemente. "O passado é na teoria freudiana uma construção permanente - e inacabada" (p. 77).

Os últimos capítulos do livro analisam detalhadamente outro dos pilares da metapsicologia freudiana: a teoria das pulsões. O *Nachträglich* fala-nos de um tempo descontínuo e irreversível. E a pulsão, como pensá-la já, que Freud nos diz que ela se exerce como uma pressão constante? A pulsão caracteriza-se por seu circuito ao redor do objeto em direção à fonte, num movimento essencialmente repetitivo. Por estarmos imersos na linguagem, o objeto da pulsão está perdido desde sempre. Logo, a repetição não é nem poderia ser repetição do idêntico. Todo "re"-encontro é, em verdade, um desencontro que relança o circuito pulsional.

Temos até aqui um tempo circular e irreversível, já que o círculo não se fecha. Poderíamos pensar num tempo em espiral, representando a dimensão histórica da pulsão, isto é, o que dela se inscreve no psiquismo? Estaríamos dizendo então que, na medida em que a pulsão é capturada pela trama dos significantes, pode-se estabelecer sua trajetória e seu tempo. Mas, em que este tempo se diferenciaria do *Nachträglich*? Estamos aqui ainda, diz Gondar, no campo das pulsões sexuais. Mas, qual será o tempo da pulsão de morte, aquela sobre a qual não há representação possível, a pulsão muda, a pulsão por excelência?

Nova "limpeza de campo". Certas linhas interpretaram a pulsão de morte à luz da biologia. A pulsão de morte é aquilo que leva um organismo à sua morte. Freud não parece indicar que estava pensando nesta direção: "A biologia não conseguiu ainda responder se a morte é o destino inevitável de todo ser vivo, ou se é apenas um evento regular, mas ainda assim talvez evitável, da vida", escreve Freud em "O estranho". A hipótese metapsicológica da pulsão de morte dificilmente tenha alguma relação com esta regularidade tão pouco conclusiva da biologia.

Outros interpretaram a pulsão de morte à luz da física do século XIX, isto é, da termodinâmica e do novo conceito que ela introduziu: a energia. Foi com esta nova área de conhecimento que a física teve que começar a pensar a irreversibilidade. Seu interesse vai se centrar nos processos, suas transformações e nas perdas que nestes processos se produzem.

O primeiro princípio da termodinâmica diz que nos sistemas fechados a energia se conserva. O princípio de constância, postulado por Freud desde seus primeiros escritos, poderia ser lido por esta ótica.

O segundo princípio, a entropia, descreve a impossibilidade de retorno ao estado inicial devido ao aumento de desordem interna que o sistema sofre. Se a entropia é sempre positiva e jamais decresce, o sistema será conduzido gradualmente à desordem, à perda das diferenças, à homogeneização crescente - o que seria a morte térmica. A entropia não falaria, então, de um construto teórico, mas de uma lei da temporalidade intrínseca à matéria, que descreve a evolução espontânea e irreversível dos sistemas físicos. Ela marcaria a flecha do tempo ao apontar o futuro como a morte térmica. Não estamos mais no tempo abstrato de Newton. A entropia indica evolução - diferença entre o antes e o depois. O final pode ser vislumbrado com antecedência.

Voltemos à pulsão de morte. É impossível pensar isoladamente a pulsão de morte em sua mudez se só uma parte dela é muda, justamente aquela que fica fora do intrincamento pulsional. Temos então um excedente. Mas, pode este ser pensado sem relação ao resto? O excedente falaria de uma pressão constante sem objeto e direção, que desafia constantemente o psiquismo, no sentido de dominá-lo para assegurar um equilíbrio entrópico. Mas por que não consegue atingi-lo? Porque seu efeito é desequilibrador. O excedente livre da pulsão de morte põe o psiquismo a trabalhar e a criar novas ordens. Os estados de equilíbrio psíquica não são a regra, mas a exceção; são raros e extremamente precários.

Podemos concluir que estaríamos mais perto do grupo de processos estudados por Prigogine desde a década de 70 do que da leitura que se fez da entropia no século XIX: a termodinâmica não-linear, isto é, aquela que estuda o comportamento dos sistemas longe do equilíbrio. Haveria que supor na natureza, diz Prigogine, "uma flecha do tempo tendendo para a desagregação progressiva, coexistindo com outra que aponta para a produção de ordem" (p. 100). A natureza torna-se então complexa, comportando determinação e imprevisibilidade; e não pode, portanto, ser reduzida à simplicidade de um tempo único. Deve-se pensar na coexistência de tempos irredutivelmente diferentes e articulados.

Também na psicanálise estamos no campo do complexo, porque temos, no mínimo, dois campos irredutíveis um ao outro: o das representações, e do irrepresentável, o da esfera pulsional. Eles não podem ser reduzidos nem a uma única lei, nem a um único princípio, nem a uma única modalidade temporal.

Gondar aponta aqui um novo limite: até onde levarmos estas comparações com a termodinâmica contemporânea? O que a ciência do complexo tenta fazer da complexidade? Ela procura uma complementariedade alargada, isto é, encara a multiplicidade de modo conciliatório (p. 103). A psicanálise, no entanto, faz do conflito, da *Spaltung*, do embate entre o aparelho psíquico e a energia dispersa, conceitos centrais e irredutíveis.

Seria preferível, então, dizer que Freud é um pensador do trágico? Por que o trágico entra em cena? Porque o trágico se define justamente por trazer o inimigo para o interior de nós mesmos; e não podemos pensar que a pulsão, principalmente a pulsão de morte, nos fala deste inimigo "interno"? Por causa do choque que ela produz a partir desse exterior íntimo, o sujeito encontra-se a cada vez impedido de unificar-se. Chocam-se, então, dois tempos diferentes: um tempo vazio de qualquer determinação e de qualquer conteúdo, onde passado, presente e futuro são simultâneos e a temporalidade que delimita a esfera do psíquico.

Talvez seja preferível dizer que, assim como não há dois princípios regendo o funcionamento psíquico, mas um princípio e seu além, tampouco haveria dois tempos divergentes, mas uma esfera da temporalidade e seu além. Em qualquer dos casos, Freud é um pensador do complexo porque seu desafio não o levou a excluir um campo em detrimento do outro, mas a sustentar ambos sem os reduzir a um princípio único.

#### NOTA

1. S. Freud, *A interpretação dos sonhos*, ESB, vol. V, p. 573.

Adela Stoppel de Gueller é psicanalista e mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP; realiza pesquisa sobre a temporalidade dos processos psíquicos.